

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8642402>

DOI: 10.20396/cel.v57i2.8642402

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2015 by UNICAMP/IEL. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

A ELIPSE DE VP EM PORTUGUÊS E A CARTOGRAFIA DAS ESTRUTURAS SINTÁTICAS*

AQUILES TESCARI NETO
UFRJ

RESUMO: O trabalho recorre ao fenômeno da elipse de VP para advogar em favor de um tratamento cartográfico à arquitetura da oração. Em particular, sugere haver uma relação estrita entre a subida do verbo à flexão e a recuperação ou não de determinados advérbios em construções de elipse de VP. Uma análise cartográfica *à la* Cinque (1999) dá conta de explicar os padrões encontrados para diferentes classes de AdvPs não só em relação ao movimento do verbo como também em relação ao fenômeno da elipse, o que não poderia ser naturalmente explicado por análises competitivas. São utilizados dados do português.

Palavras-chave: elipse de VP, subida do verbo, cartografia

ABSTRACT: The paper turns to the VP ellipsis phenomenon to argue in favor of a cartographic treatment of the clausal architecture. In particular, it attempts to show the existence of a strict relation between verb raising and the recovering of certain classes of adverbs in VP ellipsis constructions. A cartographic analysis *à la* Cinque (1999) can explain the patterns found for different classes of AdvPs with respect to verb raising and the VP ellipsis phenomenon, which could not be naturally explained by competitive analysis. The discussion is based on Portuguese data.

Keywords: VP ellipsis, verb raising, cartography

1. INTRODUÇÃO

Estudos sobre a elipse de VP em português (Cyrino & Matos, 2002) sugerem que tanto no português europeu (PE) como no português brasileiro (PB) a presença de um verbo ou auxiliar no *Middlefield* (i.e., no sintagma da flexão, também conhecido como INFL ou IP/TP) seja suficiente para licenciar o fenômeno da elipse do VP, dado o movimento do verbo à flexão nessas duas variedades (Galves, 1993, 1994; Modesto, 2000; Brito, 2001; Cyrino, 2013; Tescari Neto, 2013, *no prelo* 1,2). A sentença em (1), a seguir, ilustra o fenômeno da elipse de VP, em que o verbo lexical, após seu movimento à flexão, licencia a elipse de todo o sintagma verbal.

(1) O Eduardo viu a Rosana e a Mara também viu [-]

* Agradecimentos especiais ao parecerista que, com suas cuidadosas observações, fez com que este artigo ganhasse em qualidade. Naturalmente, os erros que permanecem são meus. E-mail: aquilestescari@yahoo.it

A lacuna, indicada por [-], torna (1) estruturalmente ambígua em português, uma vez que pode corresponder tanto à elipse do VP, em que todo o sintagma verbal é elidido,¹ como ao complemento/objeto nulo, sendo tanto o PB quanto o PE línguas de complemento nulo, não obstante a natureza distinta desse complemento em cada variedade (cf. Raposo, 1986; Cyrino, 1997). Naturalmente, a interpretação do vazio em (1) que interessa ao objetivo deste trabalho é a de elipse de VP. Neste caso, o que estruturalmente temos é o movimento de V a T, de onde o verbo licencia o apagamento de todo o sintagma verbal que contém nada mais do que o objeto e uma cópia não pronunciada do próprio verbo, que se elevou a T, e do argumento externo, que também se moveu ao especificador de T para valoração dos traços-*phi* do verbo em T – ou para checagem/valoração do caso nominativo (ver a figura a seguir).

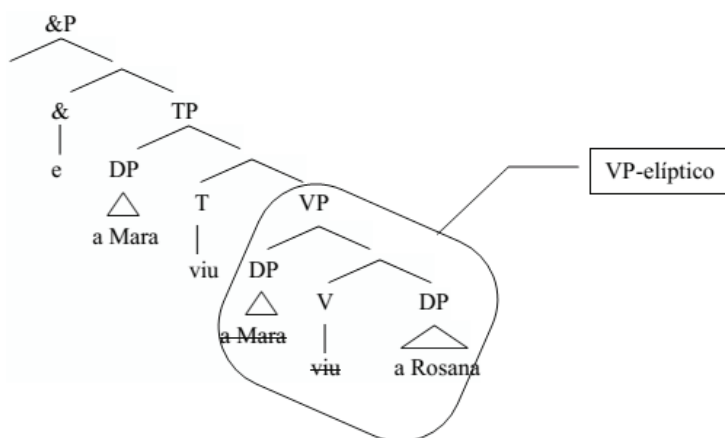


Figura 1: a representação de (1)²

¹ Não vou entrar na importante discussão referente à natureza estrutural do constituinte elidido, se corresponde a um simples apagamento em PF, se corresponde a uma categoria vazia, etc., discussão essa que seria ortogonal aos objetivos centrais do presente trabalho que apenas se vale do expediente da elipse do VP para mostrar que o reconhecimento da estrutura da oração em diversas projeções funcionais de importe semântico próprio, conforme propõe a Cartografia, parece estar no caminho certo.

² Não estou representando como o advérbio *também* seria integrado à estrutura na figura (1). Se Tescari Neto (2015a, 2015b) estiver certo, o advérbio é Soldado ('Merged') – ver nota 4 – externamente em uma posição do Middlefield entre os advérbios de Cinque, e depois se move junto com o constituinte sob o seu escopo ao [Spec,FocP] de Rizzi (1997) em CP (ver Quarezemin & Tescari Neto, 2015).

Igualmente, estou deixando de lado a representação do primeiro elemento da coordenação que, seguindo Kayne (1994), Matos (1995), Donati (2008) e a tradição gerativista antissimétrica, se alocaria no especificador do sintagma da coordenação (&P). Deixo aqui também de lado, por ser ortogonal ao objetivo central do trabalho, a questão relativa à porção da oração que, de fato é coordenada: se se trata de uma coordenação de CP (ou de alguma projeção “cartográfica” de CP) ou se se trata, conforme representei, de uma coordenação de TPs ou de alguma projeção do Middlefield.

O trabalho tem por objetivo mostrar que a elipse de VP advoga em favor de um tratamento hierarquizado para as categorias gramaticais (advérbios aí incluídos),³ que fazem parte da projeção estendida do verbo ou oração, conforme proposto pelo Programa Cartográfico (Cinque, 1999, 2004, 2006; Rizzi, 1997; Belletti, 2004; Cinque & Rizzi, 2010; dentre outros).

Cinque (1999) propõe que os advérbios ocupem posições rígidas na hierarquia do Middlefield. Assim, cada projeção do Middlefield potencialmente teria, em seu especificador, um AdvP que corresponderia semanticamente ao núcleo funcional daquela projeção. O presente estudo mostra que uma análise *à la* Cinque para os advérbios parece ser a melhor opção, se comparada a propostas concorrentes como Ernst (2000), Nilsen (2004) e Zyman (2012). Esses autores, diferentemente de Cinque, advogam em favor da adjunção do AdvP ao constituinte por ele modificado. No entanto, o fato de apenas certas classes de advérbios poderem ser recuperadas pelo VP elíptico, em detrimento de outras, advoga em favor de uma análise cartográfica da estrutura e contra as propostas concorrentes supracitadas. O fenômeno da elipse de VP, em português pode, portanto, ser tomado como argumento em favor da Cartografia.

O trabalho é organizado da seguinte forma: na seção 2, descrevemos o fenômeno da elipse de VP em português e explicitamos as suas diferenças não só em relação ao mesmo fenômeno em inglês, como também em relação a um outro tipo de elipse, o ‘despojamento’. Na seção 3, descrevemos o comportamento de dois grupos de advérbios baixos não só em relação ao movimento do verbo, como também em relação à elipse de VP. Na seção 4, explicamos por que advérbios altos se comportam diferentemente de outros advérbios quando em construções de elipse. A seção 5 apresenta as conclusões.

2. DO FENÔMENO DA ELIPSE DE VP EM PORTUGUÊS E SUAS DIFERENÇAS EM RELAÇÃO À ELIPSE EM INGLÊS E AO DESPOJAMENTO

Conforme definido em Cyrino & Matos (2002), a elipse de VP é uma categoria silente selecionada por um elemento verbal em INFL. Como em inglês, o VP elíptico pode ser licenciado por um verbo auxiliar ou mesmo pela cópula *ser*; uma vez que esses elementos ocupam posições do espaço IP. Tanto o PB como o PE têm movimento do verbo. O verbo em INFL pode, então, licenciar a elipse de VP. Deste modo, a elipse de VP pode também ser uma forma de diagnosticar o movimento de V nas línguas que têm esse tipo de elipse de predicado, como é o caso do português.

Após o movimento do verbo a INFL, uma cópia de V é deixada dentro do VP que é ulteriormente elidido. A construção elíptica se evidencia nos casos em

³ Assumimos, com Cinque (1999), que os advérbios são categorias gramaticais que, em termos de representação X-barra, ocupam posições de especificadores dos núcleos funcionais correspondentes.

que adjuntos e complementos de V também permanecem não pronunciados. Um exemplo de elipse de VP em português é dado em (2), retirado de Cyrino & Matos (2002: 180), cuja derivação, também proposta em Cyrino & Matos (2002: 181), é apresentada em (3):

- (2) A Ana não leva o computador para as aulas, porque os amigos também não levam [-]
 (3) porque os amigos também não levam_i [_{VP} [_V levam_i] ~~o computador para as aulas~~]

Na representação da elipse de VP de (2) dada em (3), o verbo deixa o VP e se eleva a uma posição do *Middlefield* (T₂/Asp em Cyrino, 2013; T_{Anterior}, em Tescari Neto, 2013, *no prelo 1*), conforme indicado pelo índice “i”. Em PF, a porção elidida da estrutura é não só a cópia do verbo como também seu complemento, *o computador*, e o PP *para as aulas*. Há um “requisito de paralelismo” (Cyrino & Matos, 2002) que se aplica em LF para garantir que o sintagma a ser elidido receba uma interpretação semelhante à de seu antecedente.

O licenciamento do VP elíptico é obtido sob c-comando local “(...) pela cadeia do núcleo funcional com traços-V lexicalmente preenchido que se Solda (‘Merge’)⁴ com o constituinte elíptico” (Cyrino & Matos, 2002: 186, n. 18). Assim, a checagem/valoração de traços não é o fator crucial para o licenciamento, mas sim o c-comando local.

A elipse de VP (que, dentre as línguas românicas mais bem descritas, ocorre apenas em português) deve ser distinguida do *despojamento* (‘stripping’), um outro tipo de elipse de predicado, que ocorre em francês, espanhol e italiano (ver os exemplos em (4-5)). Há *despojamento*, como estratégia de elipse do predicado, também em português, como pode ser visto pelos exemplos em (7), que se relacionam com os exemplos de elipse de VP em (6a,b). Os exemplos são de Cyrino & Matos (2002).

- (4) a. Luis no habla ingles, pero yo sí [-] (Espanhol)
 Luis não fala inglês, mas eu sim [-]
 ‘O Luís não fala inglês, mas eu sim [-]’
 b. Susana leyó Guerra y Paz pero María no [-]
 ‘Susana leu “Guerra e Paz” mas a Maria não [-]’
 (5) a. John était critique, mais Mary non. (Francês)
 John era crítico, mas Maria não
 b. Marion boit du rum, et Raquel aussi
 Marion bebe rum, e Raquel também

⁴ O termo “Merge” tem sido traduzido, entre os gerativistas brasileiros, como “Concatenar” por alguns, “Conectar” por outros ou mesmo como “Juntar” por outros deles. Estamos aqui utilizando o termo “Soldagem/Soldar”, seguindo a sugestão de Donati (2008) que, em seu manual de introdução à sintaxe, vale-se do termo “Salda” (‘Soldagem’, em italiano), para fazer menção ao processo sintático do “Merge”, que une dois objetos sintáticos, formando novo objeto complexo.

- (6) a. A Ana já tinha lido o livro à irmã mas a Paula não tinha [-] (*elipse de VP*)
 b. O João é simpático para todas as pessoas e a Ana também é [-] (*elipse de VP*)
- (7) a. A Ana já tinha lido o livro à irmã mas a Paula não [-] (*Despojamento*)
 b. O João é simpático para todas as pessoas e a Ana também [-]

A elipse de VP e o despojamento devem, contudo, ser mantidos como dois tipos distintos de elipse de predicado, porquanto a elipse de VP sempre implica a presença de um DP sujeito (expresso ou não), ao passo que o despojamento admite outros constituintes, tal como o remanescente da elipse (ver (7a,b)). Além disso, como Matos & Cyrino (2001) e Cyrino & Matos (2002) apontam, a elipse de VP pode ocorrer em ilhas (8); já o despojamento, não (9).

- (8) Ela só vai visitar os amigos se a Ana também for [-]. (*elipse de VP*)
- (9) a. *Ela só vai visitar os amigos se a Ana também [-] (*Despojamento*)
 b. *O João não vai ao cinema hoje mas perguntou quem sim [-].
 c. *Tendré que hacerlo yo porque Susana no [-].
 Terei de fazê-lo eu porque Susana não

A elipse de VP também deve ser diferenciada de construções com objeto nulo. Uma vez que o português tem movimento do verbo à flexão (Ambar, 1989; Galves, 1993, 1994; Costa & Galves, 2002; Modesto, 2000; Brito, 2001; Cyrino, 2013; Tescari Neto, 2013, *no prelo 1*), se o VP tem apenas um objeto e nenhum adjunto, a elipse de VP pode ser confundida com construções objeto nulo.

Cyrino & Matos distinguem essas duas construções com base no fato de que na elipse de VP todos os complementos e adjuntos de V são elididos. Assim, a lacuna em (10) é ambígua entre uma interpretação de elipse de VP ou uma construção de objeto nulo, ao passo que a lacuna de (11) indubitavelmente é uma construção de objeto nulo, dado que o adjunto é pronunciado.

- (10) O João leu esse livro e a Ana também leu [-].
- (11) Ela trouxe o computador para a Universidade e ele trouxe [-] para o escritório.

Ainda no tocante à elipse de VP, faz-se necessário, ainda, diferenciar a sua ocorrência em português e em inglês. Desde o trabalho de Matos (1992) sobre as construções de elipse em português, sabemos que um dos pontos que distinguem o fenômeno da elipse em português do mesmo fenômeno em inglês diz respeito à possibilidade de o verbo lexical licenciar o apagamento do VP-elíptico em português, mas não em inglês, o que explica a agramaticalidade de (12a), do inglês, face à gramaticalidade de (12b), do português, sentenças de Cyrino & Matos (2002).

- (12) a. *John starts reading that book and Mary starts [-], too (= b)
 b. O João começou a ler aquele livro e a Maria também começou [-]

A impossibilidade de (12a) se justifica em termos da ausência do movimento do verbo à flexão em inglês (Pollock, 1989). É condição necessária ao fenômeno da elipse, como já se assinalou, a presença de um constituinte dotado do traço [+V] em INFL. Como o inglês não tem movimento de V a INFL, construções de elipse serão possíveis tão somente se um auxiliar ou modal estiverem presentes na numeração. Tal verbo será diretamente soldado em INFL⁵ e, a partir daquela posição, poderá licenciar a elipse do VP em inglês (ver (12c)).

(12) c. John is reading that book and Mary is [-], too (=b)

J. está lendo aquele livro e Maria também está [-]

O PB e o PE apresentam movimento de V a INFL (Ambar, 1989; Galves, 1993, 1994; Figueiredo Silva, 1996; Modesto, 2000; Brito, 2001; Cyrino & Matos, 2002; Matos & Cyrino, 2001; Cyrino, 2013; Tescari Neto, 2013). Estando o verbo lexical em INFL, ele pode licenciar a elipse de todo o constituinte por ele c-comandado (no caso, de todo o VP, que conterà eventuais adjuntos e complementos de VP e a cópia não pronunciada de V, cujo núcleo estará em INFL). Esta é uma importante diferença entre os fatos da elipse verbal no inglês e em português. Neste trabalho, vamo-nos valer de ocorrências de elipse de VP envolvendo o verbo lexical em português. E faz sentido à nossa argumentação que ocorrências de elipse de VP envolvam o verbo lexical, não um verbo auxiliar, justamente pelo fato de o movimento do verbo lexical ser limitado: via de regra, o verbo lexical, conforme veremos na seção 4, não pode se mover por sobre AdvPs altos.

Mostradas as diferenças entre o inglês e o português, relativamente ao elemento licenciador da elipse – que, em português, pode ser inclusive o verbo lexical, dado o seu movimento à flexão –, surge a interessante indagação sobre as diferenças entre as duas variedades do português aqui consideradas em relação ao fenômeno da elipse de VP. Se, como se sabe, o verbo sobe mais em PE do que em PB (Modesto, 2000; Brito, 2001; Cyrino, 2013; Tescari Neto, 2013), devem-se esperar diferenças entre essas duas variedades no que diz respeito ao licenciamento e interpretação do VP elíptico, uma vez que, a julgar por Modesto (2000), V se eleva mais em PE do que em PB. Mas vamos antes aos dados do movimento do verbo para depois retomar a discussão sobre as diferenças entre essas duas variedades.

Conforme Modesto (2000), o verbo se eleva mais em PE. Modesto assume uma representação cindida para o IP, com duas projeções: AgrP e TP, este sob o domínio daquele. O verbo no PE subiria até a projeção mais alta. No PB, até a projeção mais baixa. Essa ideia já era defendida em Galves (1994), para o PB

⁵ Há várias propostas na literatura sobre a posição de soldagem dos auxiliares e dos modais. Refere-se o leitor a Laenzlinger (2011) para uma síntese delas e a Cinque (1999) sobre a questão de os auxiliares e modais serem ou não diretamente soldados em posições semanticamente específicas da hierarquia funcional. Refere-se o leitor também a Rech (2009) e Lunguinho (2011) sobre a sintaxe dos verbos ditos auxiliares em PB.

– naturalmente com pequenas diferenças irrelevantes à presente discussão –, e reaparece em Brito (2001), ao tratar das diferenças entre o PB e o PE.⁶

- (13) a. A Maria já não come nada, não devia fazer dieta. (^{OK}PB, ^{OK}PE)
 b. A Maria já tinha comido. (^{OK}PB; ^{OK}PE)
 (14) a. A Maria não come já nada, não devia fazer dieta. (*PB; ^{OK}PE)
 b. A Maria tinha já comido. (*PB; ^{OK}PE) (Modesto 2000: 27)

Os dados mostram que o verbo pode subir à esquerda de *já*, no PE mas não no PB⁷ (ver (14)). Mesmo o auxiliar não pode se mover à esquerda de *já* em PB.

Retornando à discussão sobre a relação entre a altura do movimento do verbo e a elipse de VP, a pergunta feita antes do excursus sobre a altura de pouso do verbo indagava justamente essa relação: havendo diferenças em relação à altura do movimento do verbo deveríamos esperar por diferenças no licenciamento da elipse nessas duas variedades? A resposta de Matos & Cyrino (2001), Cyrino & Matos (2002) e Cyrino (2013) é positiva: a posição que o verbo lexical ocupa em INFL está envolvida na interpretação da elipse de VP. Isso é mostrado em (15) e (16-18) abaixo. Cyrino (2013) mostra que o V sobe para a projeção mais alta de Tempo – T₁, em seu sistema – no PE. Em PB, o verbo sobe somente até Asp⁰ (T₂), segundo a autora. Em termos de Cartografia, isso equivale a dizer que o V se move para além de T_{Anterior} em PE, mas não em PB, sendo o advérbio *já* o AdvP que ocupa a posição de especificador desta projeção. Se V mais auxiliares formam um núcleo complexo que ocupa a projeção de Tempo mais alta em PE, como sugerido em Cyrino & Matos (2002), o fato de apenas os dados em (15) permitirem a interpretação de elipse de VP em PE fica então explicado. O advérbio focalizador *também* c-comanda assimetricamente toda a sequência verbal apenas em (15).

⁶ A maioria dos trabalhos que conheço sobre a subida do verbo à flexão em PE e PB, consideram que o verbo sobe mais na variedade europeia. Muitos pesquisadores tomam o enfraquecimento da concordância no PB como sendo a causa para a perda de movimentos (ver o trabalho de Galves, 1993, que parece ter sido o disseminador dessa interpretação entre os estudiosos da sintaxe do PB). Costa & Galves (2002) – discussão retomada em Costa & Figueiredo Silva (2006) –, no entanto, sugerem não haver diferenças entre o PE e o PB no que diz respeito à altura a que o verbo se eleva: para eles, o verbo sobe ao núcleo mais baixo da flexão, T⁰, em ambas as variedades. A diferença entre ao PB e o PE reside no fato, segundo os autores, de o sujeito se elevar até [Spec, AgrP] nesta última, mas parar em [Spec, TP] no PB. Um dos argumentos para sugerir que o verbo se eleva à mesma projeção em ambas as variedades foi o seu posicionamento em relação a advérbios (altos) como *provavelmente* e seu posicionamento em relação ao quantificador universal *todos*. Se assumirmos que o movimento de V à esquerda de *provavelmente* é resultado de movimento remanescente e não de movimento nuclear – uma vez que o verbo não pode subir à esquerda de advérbios altos, conforme veremos na seção 4, ao discutir os dados (30-31) –, o argumento se desfaz. Igualmente, se assumirmos que a posição do quantificador universal é muito alta no *Middlefield*, acima de Mod^{Evaluative}P num sistema cartográfico, conforme dados do inglês discutidos em Tescari Neto (2013, capítulo 6), o argumento de que não há diferenças entre a subida de V nas duas variedades também não poderia ser sustentado, uma vez que a posição de Soldagem do quantificador é muito mais alta do que a altura de pouso máximo do verbo. Há, portanto, razões para manter a ideia de Galves (1993, 1994), anterior a Costa & Galves (2002).

⁷ A respeito do PB, ver também Silva (2001).

(15) Ela tem lido livros às crianças e ele também tem lido [_{VP}-].

Em (16) e (18), segundo Cyrino & Matos, a interpretação de elipse de VP é perdida em PE e a única leitura possível parece ser a de objeto nulo para a lacuna (ver (16c) e a interpretação dada para (18)). O advérbio *também* não c-comanda assimetricamente a sequência verbal inteira e a interpretação de elipse de VP não está disponível. Esse não é o caso para o PB. Uma vez que o verbo só sobe até T_{Anterior}, *também*, o advérbio focalizador, pode atrair (no sentido de Kayne, 1998) subconstituintes da sequência verbal a partir do mais encaixado. O V estará em uma posição mais baixa de onde será possível licenciar a elipse do VP. Assim, (15), (16) e (17) são possíveis em PB.

(16) a. Ela tem lido livros às crianças e ele tem também lido [-]

b. PB: [-] = [_{VP} [_V t] livros às crianças]

c. PE: [-] = i. ??[_{VP} [_V t] livros às crianças]
ii. ok[_V t] [-]

(17) a. Ele está mandando as cartas aos clientes e ela está também mandando [-]

b. PB: [-] = [_{VP} [_V t] as cartas aos clientes]

(18) a. #Ele está a mandar as cartas aos clientes e ela está também a mandar [-]

b. PE: [-] = i. ??[_{VP} [_V t] as cartas aos clientes]

ii. ?[_V t] [-]

Do que se viu até o momento, tendo como base os trabalhos de Matos & Cyrino (2001), Cyrino & Matos (2002) e Cyrino (2013), a elipse de VP pode ser um diagnóstico para a subida do verbo nas línguas que exibem tal fenômeno. Como o inglês não tem movimento do verbo lexical até a flexão (T⁰), somente auxiliares ou modais podem licenciar a elipse de VP naquela língua.

Na próxima seção mostramos que diferentes advérbios se comportam diferentemente em relação à elipse de VP: alguns podem ser retomados; outros não. Essa diferença, que favorece um tratamento cartográfico para a estrutura da oração e representação dos advérbios, se explica com base na posição que o AdvP ocupa na hierarquia universal.

3. ELIPSE DE VP, ADVÉRBIOS E MOVIMENTO DO VERBO

Cinque (1999), com base no posicionamento de diferentes classes de advérbios que correspondem semanticamente a núcleos funcionais distintos em diversas línguas, propõe a hierarquia de advérbios e núcleos funcionais dada em (19), a seguir. Juntamente com Rizzi (1997), o trabalho de Cinque marca o início do “Programa Cartográfico”, vertente da Teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa, desenvolvida em paralelo com o Programa Minimalista de Chomsky (1995 e trabalhos subsequentes).

(19) A Hierarquia Universal das Projeções Funcionais do Middlefield:

[*francamente* _{ModoAto de fala} > [*surpreendentemente* _{Modo_Mirativo} > [*felizmente* _{Modo_Avaliativo} > [*evidentemente* _{Modo_Evidencial} > [*provavelmente* _{Modalidade_Epistêmica} > [*uma vez* _{T_Passado} > [*então* _{TFuturo} > [*talvez* _{Modo_Irrealis} > [*necessariamente* _{Modalidade_Necessidade} > [*possivelmente* _{Modalidade_Possibilidade} > [*normalmente* _{Asp_Habitual} > [*finalmente* _{Asp_Tardivo} > [*tendencialmente* _{Asp_Predisposicional} > [*novamente* _{Asp_Repetitivo(I)} > [*frequentemente* _{Asp_Frequentativo(I)} > [*de/com gosto* _{Modalidade_Volitiva} > [*rapidamente* _{Asp_Acelerativo(I)} > [*já* _{T_Anterior} > [*não ... mais* _{Asp_Terminativo} > [*ainda* _{Asp_Continuativo} > [*sempre* _{Asp_Contínuo} > [*apenas* _{Asp_Retrospectivo} > [*(dentro) em breve* _{Asp_Aproximativo} > [*brevemente* _{Asp_Durativo} > [(?) _{Asp_Genérico/Progressivo} [*quase* _{Asp_Propectivo} > [*repentinamente* _{Asp_Incoativo(I)} > [*obrigatoriamente* _{Modo_Obrigaçã} > [*em vão* _{Asp_Frustrativo} > [(?) _{Asp_Conativo} > [*completamente* _{Asp_SingCompletivo(I)} > [*tudo* _{Asp_PlurCompletivo} > [*bem Voz* > [*cedo* _{Asp_Acelerativo(II)} > [*do nada* _{Asp_Incoativo(II)} > [*de novo* _{Asp_Repetitivo(II)} > [*frequentemente* _{Asp_Frequentativo(II)} > ... (adaptado de Cinque, 1999:106, modificada em Cinque, 2006)

Tescari Neto (2013) mostra que, se pensarmos no PB, em seu movimento para a flexão, o V deve obrigatoriamente arrastar (i.e., fazer o *pied-piping* de) alguns dos advérbios mais baixos, quais sejam: o Asp_{Frequentativo(II)} *com frequência*, o Asp_{Repetitivo(II)} *de novo*, o Asp_{Inceptivo(II)} *do nada* e o Asp_{Celerativo(II)} *cedo*, considerando a hierarquia de advérbios dada em (19). Se presente na numeração, o argumento interno do verbo também deve ser carregado pelo V. Assim, o ‘bloco’ [V [Objeto]] deve, ao se deslocar, carregar os advérbios mais baixos (*left-edge*) supracitados, invertendo-lhes a ordem (‘movimento do tipo *roll-up*’).⁸ O exemplo (20) a seguir ilustra esse expediente, em que apenas a ordem (20a) é possível, por apresentar os advérbios na ordenação invertida. As representações nas fig. 2, 3 e 4 ilustram como (20a) é derivada: o VP se move a um especificador acima do primeiro advérbio, *com frequência* (fig. 2), invertendo a ordem *com frequência-objeto*. Na sequência, o VP se desloca carregando consigo a projeção contendo *com frequência* (fig. 3) por sobre o advérbio *de novo*, invertendo-lhes a ordem relativa. Quando o advérbio *do nada*, que lexicaliza o aspecto inceptivo (II), entra na derivação, o bloco formado por *V-objeto-com frequência-de novo* se move acima de *do nada*, novamente invertendo a ordem dos advérbios que passa a ser a imagem especular da ordem em que aparecem na hierarquia dada em (19) (fig. 4).

- (20) a. O Mané tem vomitado sangue com frequência de novo do nada.
 b. *O Mané tem vomitado sangue com frequência do nada de novo.
 c. *O Mané tem vomitado sangue de novo com frequência do nada.
 d. *^{??}O Mané tem vomitado sangue de novo do nada com frequência.
 e. *^{??}O Mané tem vomitado sangue do nada com frequência de novo.

⁸ Esse tipo de derivação é uma simplificação das derivações propostas em Cinque (2006, capítulo 10) e Tescari Neto (2013).

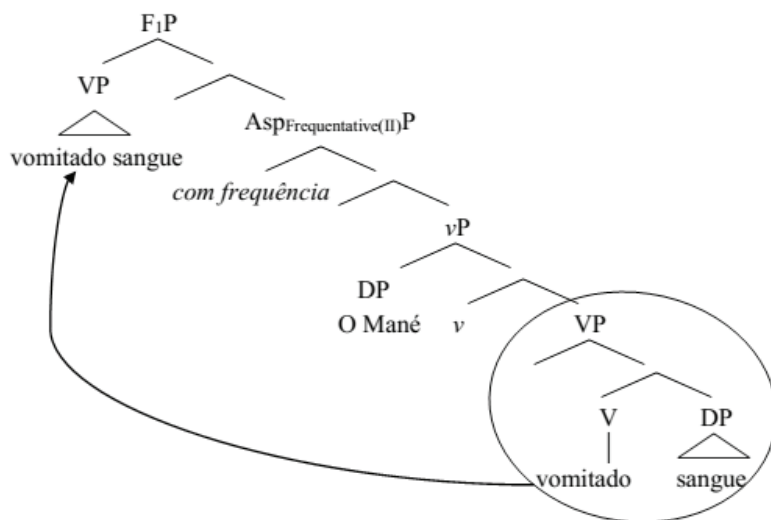


Figura 2

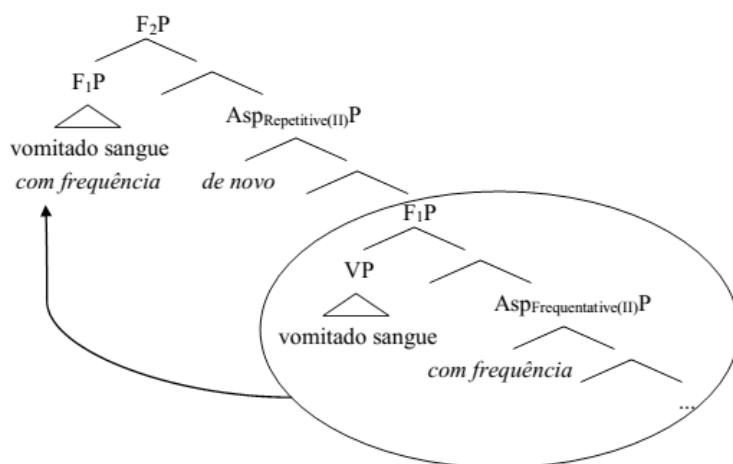


Figura 3

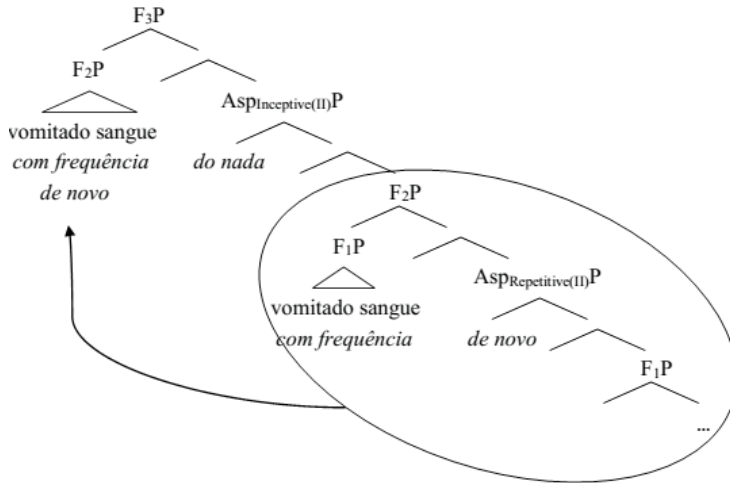


Figura 4

Os AdvPs que ocupam posições de especificadores acima de *completamente* e abaixo de *já* na hierarquia dada em (19), se presentes na numeração, podem aparecer à esquerda ou à direita de V (cf. Tescari Neto, 2013, capítulo 4, e as sentenças em (21), a seguir), o que significa dizer que o movimento de V por sobre eles já não é obrigatório. Conforme veremos a seguir, esse comportamento distinto relativamente ao movimento de V se espelha também no fenômeno da elipse de VP, o que justifica um tratamento cartográfico para os AdvPs.

- (21) a. Os meninos sempre viram as páginas
 a'. Os meninos viram sempre as páginas
 b. Os meninos em breve começarão a tarefa
 b'. Os meninos começarão em breve a tarefa
 c. Os meninos obrigatoriamente farão a tarefa
 c'. Os meninos farão obrigatoriamente a tarefa
 d. Os meninos em vão fizeram a tarefa
 d'. Os meninos fizeram em vão a tarefa

A diferença entre os advérbios de (20) e os de (21) reside no fato de os advérbios de (20) terem de ser obrigatoriamente carregados pelo V em seu movimento (movimento com *pied-piping*), o que inverte a ordem hierárquica (cf. (20a)). Já os advérbios de (21) podem quer preceder quer seguir o verbo, colocando-se entre V e seu objeto, o que significa uma derivação diferente da assumida nas figuras 2, 3 e 4 para esses casos. Para derivar as ocorrências de (21) em que o V se aloca à esquerda do advérbio (aquelas marcadas com a

barra (')), o VP se move de Spec em Spec sem fazer o *pied-piping* da porção da estrutura por ele c-comandada.⁹

Mas o que tudo isso tem a ver com a elipse de VP? As sentenças a seguir mostram que os advérbios de (20), se presentes no primeiro elemento de uma oração coordenada a uma outra cujo 'VP' é elidido, serão *preferencialmente* recuperados pelo VP elíptico, tanto no PB como no PE:

- (22) a. O Mané come banana com frequência e a Mara também come [-]. (PB)
- b. O Manel come bananas com frequência e a Mara também come [-]. (PE)
- (i) [-]: ~~come~~ banana com frequência (elipse de VP: leitura preferencial em PB e PE)
- (ii) [-]: banana (objeto nulo: leitura possível, mas não preferencial em PB e PE)
- (23) a. O Mané limpou a casa de novo e a Mara também limpou [-]. (PB)
- b. O Manel limpou a casa de novo e a Mara também limpou [-]. (PE)
- (i) [-]: ~~limpou~~ a casa de novo (elipse de VP: leitura preferencial em PB e PE)
- (ii) [-]: a casa (objeto nulo: leitura possível, mas não preferencial em PB e PE)
- (24) O Mané abandonou o curso do nada e a Mara também abandonou [-]. (PB)
- (i) [-]: ~~abandonou~~ o curso do nada (elipse de VP: leitura preferencial)
- (ii) [-]: o curso (objeto nulo: leitura possível, mas não preferencial)
- (25) a. O Mané acorda cedo todas as manhãs e a Mara também acorda [-]. (PB)
- b. O Manel acorda cedo todas as manhãs e a Mara também acorda [-]. (PE)
- [-]: cedo todas as manhãs (elipse de VP – PB, PE)

Como se viu em (22-25), os advérbios que devem ser movidos com o verbo, i.e., aqueles que o movimento de V é feito com *pied-piping* (do advérbio em questão) em PB, são exatamente os mesmos que em PB e PE são preferencialmente recuperáveis pelo VP-elíptico.

E os advérbios que, conforme se viu em (21), não exigem *pied-piping* pelo verbo, em seu movimento? Conforme mostram os dados seguintes, tais advérbios se comportam ligeiramente diferente dos que exigem *pied-piping* pelo verbo, uma vez que a lacuna no segundo elemento da coordenação já não está mais preferencialmente associada à leitura de elipse: elipse de VP e objeto nulo estão em pé de igualdade no tocante à interpretação da lacuna quando temos um advérbio de (21).

⁹ Poder-se-ia indagar como o VP se moveria de Spec em Spec se a posição de especificador é ocupada por advérbios. No caso, assumimos com Cinque (2013) que, na verdade, há duas projeções funcionais para cada uma das cerca de 30 projeções funcionais da hierarquia em (19): na projeção mais baixa, o núcleo é ocupado por um auxiliar, modal, verbo de reestruturação, etc., se presente na numeração. O especificador desta projeção recebe o VP ou mesmo porções da estrutura, que para lá se move(m). Acima desta projeção, há uma outra cujo especificador é ocupado por um AdvP, se presente na numeração. Cada projeção funcional de Cinque (1999) na verdade seria desmembrada em duas projeções, como se fossem conchas larsonianas. Para mais detalhes, ver Tescari Neto (2013).

- (26) a. O Mané limpou o banheiro cuidadosamente e a Mara também limpou [-].
(PB)
b. O Manel limpou a casa de banho cuidadosamente e a Mara também limpou
[-] (PE)
(i) [-]: ~~limpou~~ o banheiro/casa de banho cuidadosamente (elipse de VP – PB
e PE)
(ii) [-]: o banheiro/casa de banho (objeto nulo, PB e PE)
- (27) O Mané limpou o banheiro em vão e a Mara também limpou [-].
(i) [-]: ~~limpou~~ o banheiro em vão (elipse de VP)
(ii) [-]: o banheiro: objeto nulo

Nesses exemplos, a interpretação de elipse de VP é possível, mas não preferencial. Diferentemente das sentenças em (22-25), para as sentenças em (26-27), não há leitura preferencial para a lacuna: tanto a elipse de VP quanto o objeto nulo são possíveis interpretações, em pé de igualdade. É interessante observar que os advérbios em (22-25), sentenças cujas lacunas são preferencialmente interpretadas como elipses de VP, são exatamente aqueles que, conforme se viu, são obrigatoriamente carregados pelo verbo em seu movimento.

Em termos de representações cartográficas, o constituinte elidido, que aqui chamamos de “VP-elíptico”, corresponderia, na verdade, a uma porção maior da projeção estendida de V. Assim, assumindo que o verbo se move no máximo até T_{Anterior} como vimos na seção anterior, essa porção pode potencialmente corresponder a Asp_{Terminative} P ou qualquer projeção dominada por ela, o que se assemelha à análise da elipse de VP em Harwood & Aelbrecht (2012) e Harwood (2014).

Análises mais tradicionais sobre a integração dos advérbios na estrutura em termos de adjunção direta do AdvP ao XP por ele modificado (cf. Ernst, 2000, 2007; Costa, 2004, 2008; Zyman, 2012) não teriam nada a dizer, *a priori*, sobre o comportamento dos AdvPs de (20) e (21) em relação ao movimento do verbo (com *pied-piping* obrigatório ou não). Tais análises também não teriam uma explicação direta e natural em relação à leitura preferencial de elipse de VP para a lacuna no caso dos advérbios de (20). A assunção de uma análise cartográfica *à la* Cinque (1999) simplifica o quadro: o comportamento distinto desses advérbios relativamente ao movimento de V e à elipse de VP depende crucialmente da posição que ocupam na estrutura, independentemente, ao que parece, do rótulo (semântico) do advérbio. Claramente, tais advérbios seriam adjuntos a VP nas análises supracitadas, o que, de imediato, não receberia uma motivação para esse comportamento diferenciado.

Na próxima seção, vamos olhar para sentenças envolvendo advérbios altos. Tais advérbios não podem, conforme veremos, ser recuperados pelo VP-elíptico. O fato mesmo de um advérbio alto, no primeiro elemento da coordenação, só poder tomar sob seu escopo todo o VP e jamais o objeto sozinho será tomado como evidência ulterior a um tratamento cartográfico do problema: estando o advérbio numa posição acima daquela para onde o verbo obrigatoriamente se

moveu, não poderá ser recuperado no segundo elemento (tanto em PB como em PE), favorecendo, assim, uma interpretação de objeto nulo para a lacuna.

4. POR QUE ADVÉRBIOS ALTOS NÃO SÃO RECUPERÁVEIS PELA ELIPSE DE VP?

Lembre-se da seção anterior de que, em seu movimento, o VP deve fazer o pied-piping de alguns dos mais baixos advérbios em PB, quais: Asp_{Frequentative(II)} (*com frequência*), Asp_{Repetitive(II)} (*de novo*), Asp_{Inceptive(II)} (*do nada*) e Asp_{Celerative(II)} (*cedo*). Se pensarmos na elipse de VP, tais advérbios, conforme vimos, fazem parte da porção elidida do *Middlefield* no segundo elemento da coordenação, sempre que presentes no primeiro elemento da estrutura coordenada. Nos casos em que tais advérbios estão envolvidos no primeiro elemento da coordenação, a interpretação preferida para a lacuna, conforme vimos na seção anterior, é a de elipse de VP, tanto em PB como em PE. Já os advérbios que se posicionam acima de *completamente* e abaixo de *já*, se estiverem presentes no primeiro elemento da coordenação, igualmente podem ou não ser recuperados pela lacuna. Entretanto, não há preferência pela sua recuperação, i.e., a elipse de VP não é a leitura preferida para a lacuna.

A discussão que agora se segue visa a mostrar que a elipse de VP em português pode nos ajudar a decidir qual seria a análise mais adequada para explicar como os advérbios altos se integram à estrutura.

(28) e (29) a seguir, do PB e do PE, apresentam um advérbio alto no primeiro elemento da coordenação.

(28) O José comprou provavelmente uma BMW e o Pedrinho também comprou [-].

a: [-]: uma BMW (objeto nulo)

b: [-]: *comprou provavelmente uma BMW (elipse de VP)

(29) A Maria cantou provavelmente para o patrão e a Ana também cantou [-].

a. [-]: para o patrão (objeto nulo)

b: [-]: *cantou provavelmente para o patrão (elipse de VP)

Em ambas as sentenças, o advérbio *provavelmente*, presente no primeiro elemento da coordenação, não é nunca recuperável no segundo elemento – ver a agramaticalidade de (b) em (28-29), sentenças em que apenas a leitura de objeto nulo é possível para a lacuna (ver (28a, 29a)) –. Ademais, a única leitura possível para o primeiro elemento da coordenação em (28) e (29), no que diz respeito ao escopo do AdvP, é aquela em que o advérbio modifica todo o VP (ver as paráfrases em (28'a) e (29'a), a seguir). A leitura de escopo sobre o objeto em (28, 29) para o primeiro membro da coordenação, cuja interpretação seria a dada em (28''a, 29''a), não é admitida.

(28'a) O José comprou provavelmente uma BMW, não alugou uma.

(29'a) A Maria cantou provavelmente para o patrão, não recitou um poema.

(28''a) O José comprou provavelmente uma BMW, não um Fusca. (leitura impossível em (28))¹⁰

(29''a) A Maria cantou provavelmente para o patrão, não para o gerente. (leitura impossível em (29))

O que (28-29) e (28'-29', 28''-29'') teriam a dizer sobre a integração dos advérbios na estrutura? Antes de responder a essa pergunta, é importante uma breve discussão sobre os dados em (30, 31 e 31').

(30) O Zé mente ainda/bem/sempre/etc.

(31) *O João mente provavelmente.

(31') O João mente, provavelmente.

(31, 31') mostram que, a menos que o advérbio alto esteja de-acentuado, a sentença é agramatical: um advérbio alto não pode aparecer em posição final de sentença (Belletti, 1990; Cinque, 1999; Tescari Neto, 2013). Uma possível explicação a esse fato poderia ser a impossibilidade do movimento de V por sobre advérbios que ocupam a porção alta da oração. Assim, as derivações de (28) e (29) não envolveriam movimento de V(P) por sobre o advérbio alto, mas um movimento de material remanescente (como em Kayne, 1998 – ver Tescari Neto, 2013, capítulo 3) por sobre o advérbio, material este que conteria o V, criando a ilusão de que o V se moveu sozinho por sobre o AdvP.

O fato de o advérbio em (28) e (29) não poder ser recuperado pelo VP-elíptico tem conexão necessária e direta com a impossibilidade de o V(P) se mover por sobre advérbios altos, como se viu em (31). O aparecimento de V à esquerda de um advérbio alto – como no primeiro elemento da coordenação em (28-29) – não é resultado, como se disse, de movimento de V(P) a uma posição acima do advérbio, mas de um movimento de remanescente em uma derivação *à la* Kayne (1998).¹¹

A impossibilidade da recuperação do advérbio pelo VP elíptico em (28-29) é naturalmente explicada no quadro cartográfico de Cinque, se se assume que o aparecimento do verbo à esquerda do advérbio – no primeiro elemento da coordenação – é resultado de movimento do remanescente, não de movimento direto do verbo por sobre o advérbio, derivação esta proposta em Laenzlinger (2011) por exemplo. O advérbio se encontra em uma posição acima da posição de pouso do verbo. Portanto, não pode jamais ser recuperado pelo VP-elíptico. A

¹⁰ Curiosamente, para um parecerista do artigo, (28'a) e (29'b) não são as únicas interpretações possíveis para o primeiro membro da coordenação respectivamente em (28) e (29). (28''a) e (29''a) são não só leituras possíveis como também preferenciais para (28) e (29), respectivamente. Essa diferença relativamente à preferência de interpretação para o primeiro membro da coordenação não enfraqueceria a nossa argumentação, pois o que interessa, de fato, é a impossibilidade de *provavelmente* ser recuperável no segundo elemento da coordenação.

¹¹ Não vou desenvolver aqui toda a motivação necessária à assunção de uma análise kayneana relativamente à integração dos advérbios altos na estrutura. Para isso, cf. Tescari Neto (2013, *no prelo* 2).

representação apresentada na figura 5 mostra o estágio da história derivacional em que o verbo se encontra abaixo do advérbio *provavelmente*, antes do movimento do remanescente, o que explica a impossibilidade de o advérbio ser recuperável pelo VP elíptico. Apenas a porção da estrutura abaixo de V (correspondente a AspP na estrutura apresentada na figura 5) pode ser recuperada pelo VP elíptico.

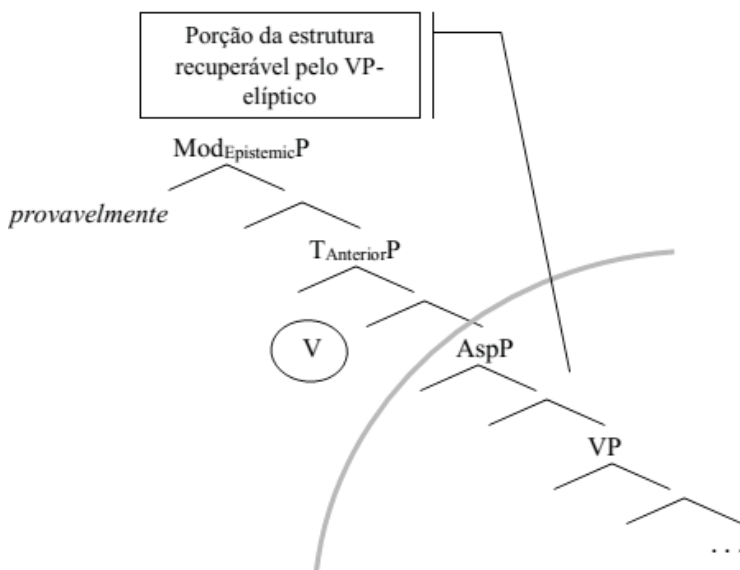


Figura 5

Análises competitivas (Zyman, 2012; Nilsen, 2004) fazem previsões equivocadas relativamente à impossibilidade de o advérbio ser recuperado pelo VP-elíptico. Zyman (2012) e a teoria da adjunção em geral propõem que o advérbio seja diretamente adjungido ao XP sob seu escopo. Se pensarmos na leitura em que o advérbio tem escopo sob o complemento do verbo – como mostram as paráfrases (28''a, 29''a), de (28, 29), repetidas a seguir –, seguindo a lógica de Zyman, o AdvP deveria ser diretamente adjungido ao DP *uma BMW*, em (28) e ao PP *para o patrão*, de (29).

(28''a) O José comprou provavelmente uma BMW, não um Fusca.

(29''a) A Maria cantou provavelmente para o patrão, não para o gerente.

Se os adjuntos fossem, como querem Zyman e os teóricos da adjunção, diretamente adjungidos ao XP sob seu escopo, esperar-se-ia que o advérbio fosse recuperável em (28) e (29), contrariamente ao que se observa (ver a agramaticalidade de (28b, 29b), que envolvem elipse de VP).

A figura 6, a seguir, que representa uma derivação *à la* Zyman (2012) para (28), deixa claro por que essa linha de análise nos faz supor equivocadamente que

o advérbio seja recuperável pelo VP-elíptico. Sendo diretamente adjungido ao DP *uma BMW*, o advérbio se encontra necessariamente abaixo da posição de pouso do verbo, o que faz supor que seja recuperável, contrariamente aos fatos.

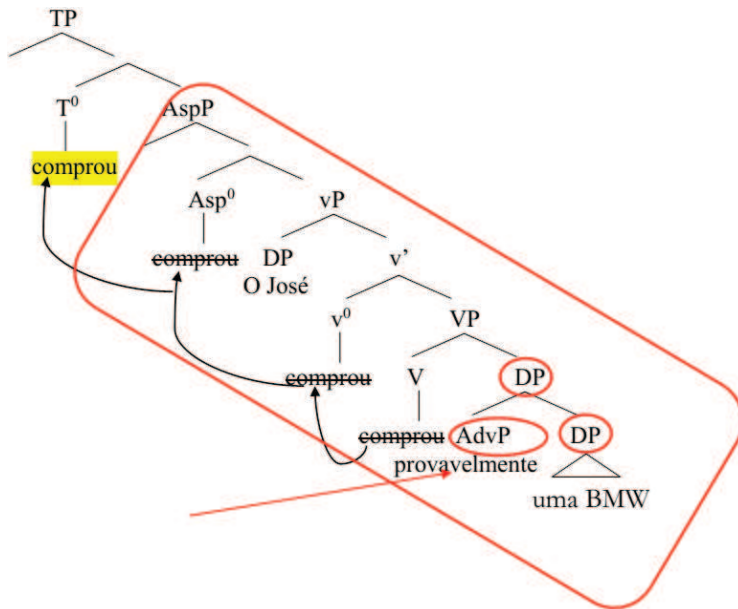


Figura 6

Conforme vimos em (31), o verbo não pode se mover à esquerda de advérbios altos, o mesmo valendo para o italiano e outras línguas (cf. Tescari Neto, 2013 e referências lá citadas). Para explicar dados do italiano em que o verbo se encontra, porém, à esquerda do advérbio alto (configuração estrutural semelhante à que vemos no primeiro elemento da coordenação em (28), acima), Nilsen supõe que a única derivação possível, no quadro da cartografia, envolveria necessariamente uma duplicação da projeção de modalidade epistêmica, cujo especificador é ocupado pelo AdvP *provavelmente*. Assim, esse advérbio seria gerado abaixo de Tempo e acima de vP. Tal expediente derivacional é representado na figura 7 a seguir. Há razões, porém, para não assumir tal análise.

Em primeiro lugar, não há registro de evidência independente em favor da duplicação desta projeção. Em Cinque (1999), não há qualquer menção à existência de núcleos funcionais baixos que lexicalizam a modalidade epistêmica. Em segundo lugar, se se gera uma projeção de modalidade epistêmica abaixo de Tempo, espera-se que o advérbio, no especificador daquela projeção, seja recuperável pelo VP-elíptico, por estar justamente abaixo de Tempo. Mas, como já vimos em (28-29), tal advérbio não é nunca recuperável. A análise de Nilsen faz, portanto, previsões equivocadas.

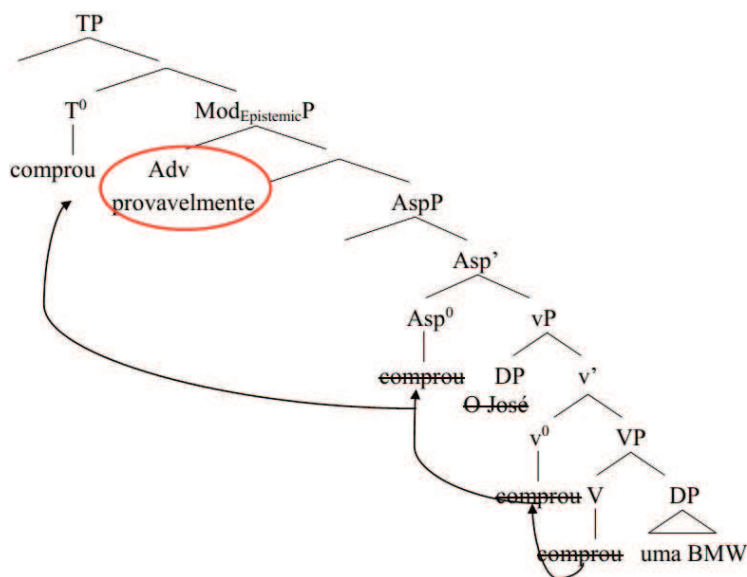


Figura 7

Considerando-se todos os argumentos aqui apresentados, os fatos da elipse de VP em português favorecem uma análise cartográfica sobre a integração dos advérbios na estrutura: há advérbios recuperáveis e advérbios não recuperáveis pelo VP elíptico. O que conta é a posição do advérbio relativamente ao V em IP.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O posicionamento de diferentes grupos de advérbios relativamente ao verbo encontra reflexos no fenômeno da elipse de VP em português. Assim, se advérbios muito baixos como *cedo*, *com frequência*, *de novo*, *do nada*, que devem ser carregados junto com o verbo em seu movimento (i.e., os advérbios de ‘*pied-piping* obrigatório’), aparecerem no primeiro elemento da coordenação cujo segundo elemento apresenta uma lacuna, a interpretação preferida para o vazio é a de elipse de VP, i.e., aquela em que o advérbio é recuperado. Se advérbios mediais aparecem no primeiro elemento da coordenação, não se falará em preferência para a interpretação da lacuna: complemento nulo e elipse de VP estarão em pé de igualdade. Já os advérbios altos não são nunca recuperáveis pelo VP elíptico: encontram-se mais altos que a altura (máxima) de pouso do V em INFL.

Mostramos que tais fatos são facilmente capturados numa representação cartográfica da estrutura e dos adjuntos. Análises concorrentes (Nilsen, 2004; Zyman, 2012) fazem previsões equivocadas: esperar-se-ia, por tais análises, que o advérbio alto fosse recuperável pela elipse de VP em construções como (28) e (29) da seção anterior, contrariamente aos fatos. Ademais, conforme mostramos, uma análise hierarquizada da estrutura dá conta de explicar com bastante naturalidade

(i.e., em termos da posição que os constituintes ocupam na hierarquia) os três diferentes padrões observados no movimento de V(P) que se reproduzem também no fenômeno da elipse de VP envolvendo diferentes classes de advérbios, fatos esses que não podem ser explicados naturalmente pelas análises concorrentes, a não ser que se recorra a expedientes *ad hoc*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBAR, M. M. Sobre a posição do sujeito, movimento do verbo e estrutura da frase. *Actas do V ENAPL*. (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa). Lisboa: APL, 1989, p. 369-399.
- BELLETTI, A. *Generalized Verb Movement*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1990.
- BELLETTI, A. Introduction”. In: _____. (Ed.) *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures*, vol.3. New York: Oxford University Press, 2004, p. 3-14.
- BRITO, A.M. Clause Structure, Subject Positions and Verb Movement: About the Position of Sempre in European Portuguese and Brazilian Portuguese”. In: D’HULST, Y. et al. (Eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2001, p. 63-85.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Massachusetts: MIT Press, 1995.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- CINQUE, G. Issues in adverbial syntax. *Lingua*, 114, 2994, p. 683-710.
- CINQUE, G. *Restructuring and Functional Heads. The Cartography of Syntactic Structures*. Vol.4. New York, Oxford: Oxford University Press, 2006.
- CINQUE, G. Word Order Typology. A Change of Perspective. In: BIBERAUER, T.; SHEEHAN, M. (Eds.) *Theoretical Approaches to Disharmonic Word Order*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 47-73.
- CINQUE, G.; RIZZI, L. The Cartography of Syntactic Structures. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: OUP, 2013, p. 51-65.
- COSTA, J. A multifactorial approach to adverb placement: assumptions, facts, and problems. *Lingua*, 114, 2004, p. 711–753.
- COSTA, J. Adverbs and the Syntax-Semantics Interplay. *Estudos Linguísticos* (Lisboa), vol.2, 2008, p. 13-25.
- COSTA, J.; GALVES, C. External Subjects in Two Varieties of Portuguese: Evidence for a Non-Unified Analysis. In: BEYSSADE, C. et al. (Eds.). *Proceedings of Going Romance 2000*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, pp. 109-125.
- COSTA, J.; FIGUEIREDO Silva, M.C. Notas sobre a concordância verbal e nominal em português”. *Estudos Linguísticos*, XXXV, 2006, p. 95-109.

- CYRINO, S.M.L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: EdUEL, 1997.
- CYRINO, S.M.L. On Richness of Tense and Verb Movement in Brazilian Portuguese. In: CAMACHO-TABOADA, V. et al. (Eds.). *Information Structure and Agreement*. Amsterdam: John Benjamins, 2013, p. 297–318.
- CYRINO, S.; MATOS, G. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese – a comparative analysis. *Journal of Portuguese Linguistics*, 1(2), 2002, pp. 177-195.
- DONATI, C. *La Sintassi: Regole e Strutture*. Bologna: Il Mulino, 2008.
- ERNST, T. *The Syntax of Adjuncts*. Cambridge, Cambridge University Press, 2000.
- ERNST, T. On the role of semantics in a theory of adverb syntax. *Lingua*, 117, 2007, p. 1008–1033.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- GALVES, C. O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro. In: ROBERTS, I; KATO, M. (Org.) *Português Brasileiro: Uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 387-408.
- GALVES, C. V-movement, levels of representation and the Structure of S. *Letras de Hoje*, n. 96, 1994, pp. 35-58.
- HARWOOD, W.; AELBRECHT, L. To be or not to be elided: VP ellipsis revisited. Talk given at *Manchester and Salford New Researchers Forum in Linguistics*, 2012.
- HARWOOD, W. Being progressive is just a phase: celebrating the uniqueness of progressive aspect under a phase-based analysis. *Natural Language & Linguistic Theory*, 2015, p. 523-573.
- KAYNE, R. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994.
- HARWOOD, W. Overt vs. Covert Movements, *Syntax* 1, 1998, p. 128-191.
- LAENZLINGER, C. *Elements of Comparative Generative Grammar: a Cartographic Approach*. Padova: Unipress, 2011.
- LUNGUINHO, M.V.S. Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não finitos. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral), Universidade de São Paulo, 2011.
- MATOS, G. *Elipse do Predicado em Português – SV Nul e Despojamento*. Tese (Doutorado), Universidade de Lisboa, 1992.
- MATOS, G. Estruturas binárias e monocêntricas em sintaxe – algumas observações sobre a coordenação de projecções máximas. *Actas do XENAPL*. Lisboa: APL, 1995, p. 301-315.
- MATOS, G. & CYRINO, S. Elipse de VP no Português Europeu e no Português Brasileiro. *Boletim da Abralin*, 26, n.esp., 2001, p. 386-390.
- MODESTO, M. *On the Identification of Null Arguments*. PhD Dissertation, USC, 2000.
- NILSEN, Ø. Domains for Adverbs. *Lingua*, 114, 2004, p. 809-847.

- POLLOCK, J-Y. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, 20(3), 1989, p. 365-474.
- QUAREZEMIN, S.; TESCARI NETO, A. Da sintatização dos focos contrastivo e exaustivo -em CP e das estratégias de marcação de foco. *ReVEL*, edição especial, n.10, 2015, p. 42-77. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/eb575603b243ddb4990470247c2ecec43.pdf>. Acesso em 5 de dezembro de 2015.
- RAPOSO, E. On the null object in European Portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (Org.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986.
- RECH, N.S.F. *Auxiliares: uma subclasse dos verbos de reestruturação*, Tese, UFSC, 2009.
- RIZZI, L. The Fine Structure of Left Periphery”. In: Haegman, L. (Ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1997, p. 282-337.
- SILVA, G. V. *Word order in Brazilian Portuguese*. Berlin:Mouton de Gruyter, 2001.
- TESCARI NETO, A. *On Verb Movement in Brazilian Portuguese: a Cartographic Study*. Tese (Doutorado em ‘Scienze del Linguaggio’) – Università Ca’ Foscari di Venezia, Itália, 2013. Disponível no site: <http://arca.unive.it/handle/10278/2957> Acesso em 6 de julho de 2015.
- TESCARI NETO, A. Verb Raising, the Impoverishment of the Verbal Paradigm and the Weakening of Tense in Brazilian Portuguese. A sair na *Revista do GEL (no prelo 1)*.
- TESCARI NETO, A. Por que advérbios altos não são diagnósticos para o movimento do verbo? *Linguística (Alfa)*, 2015 (*no prelo 2*).
- TESCARI NETO, A. “Só”, “exclusivamente” and their positions in the sentence. *Alfa (São José Rio Preto)*, v. 59, n. 3, 2015a, p. 573-602. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942015000300573&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 5 de dezembro de 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1509-7>.
- TESCARI NETO, A. A posição dos advérbios focalizadores na hierarquia universal. Manuscrito, UFRJ, 2015b.
- ZYMAN, E. Two Investigations of Adverbs and Clause Structure in English. Dissertação (Mestrado) – Princeton University, 2012.